

Nunca aposte a cabeça com o diabo

Edgar Allan Poe

Nunca aposte sua cabeça com o diabo

(NEVER BET THE DEVIL YOUR HEAD, 1841)

“Con tal que las costumbres de un autor” — diz D. Tomás de las Torres, no prefácio de seus *Poemas Amorosos* —, “sean puras y castas, importa muy poco que no sean igualmente severas sus obras”, querendo dizer, em puro inglês, que, contanto que seja pessoalmente pura a moral de um autor, nada significa a moral de seus livros. Achamos que D. Tomás se encontra agora no Purgatório, por causa dessa afirmativa. Seria também coisa inteligente, no que concerne à justiça poética, conservá-lo ali, até que seus *Poemas Amorosos* saiam do prelo ou sejam definitivamente abandonados nas estantes por falta de leitores. Toda obra de ficção deveria ter uma moral; e, o que vem mais a propósito, os críticos já descobriram que toda ficção a tem. Filipe Melanchton escreveu, há algum tempo, um comentário sobre a *Batraquiomiomaquia* e provou que o objetivo do poeta era suscitar o desgosto pela sedição. Pierre La Seine, dando um passo mais adiante, mostra que a intenção era recomendar aos jovens a temperança no comer e no beber. Da mesma forma, também, Jacobus Hugo se convenceu de que, com *Euenis*, queria Homero insinuar a figura de João Calvino; com *Antinous*, a de Martinho Lutero; com os *Lotófagos*, os protestantes, em geral, e com as *Hárpias*, os holandeses. Nossos mais modernos escoliastas são igualmente agudos. Esses sujeitos demonstram a existência de um significado oculto em *Os Antediluvianos*, de uma parábola em *Powhatan*, de novas intenções em *O Pintarroxo* e de transcendentalismo em *O Pequeno Polegar*. Em resumo, ficou demonstrado que nenhum homem pode sentar-se a escrever sem uma profundíssima intenção. Dessa forma, poupa-se em geral muita perturbação aos autores. Um romancista, por exemplo, não precisa ter cuidado com a sua moral. Ela está ali, isto é, está em alguma parte, e a moral-e os críticos podem tomar conta de si mesmos. Chegado o tempo próprio, tudo o que o cavalheiro tencionava, e tudo o que ele não tencionava, será trazido à luz no *Dial* ou no *Down Easter*, juntamente com tudo o que ele devia ter tencionado e o resto que ele claramente pretendia tencionar; de modo que tudo dará certo no fim.

Não há razão, por consequência, para o ataque contra mim lançado por certos ignorantes, por eu nunca ter escrito um conto moral ou, em termos mais precisos, um conto com uma moral. Não são eles os críticos predestinados a me pôr em cena ou a desenvolver a minha moral: este é o segredo. A propósito, o *North American Quarterly* Hundrum fá-los-á envergonharem-se de sua estupidez. Entrementes, a fim de protelar a execução, a fim de mitigar as acusações contra mim, ofereço a triste estória junta, uma estória acerca de cuja evidente moral não poderá haver discussão alguma, desde que aquele que a procura possa lê-la nas letras garrafais que formam o título do conto. Eu mereceria aplausos por esse arranjo,

bem mais inteligente que o de La Fontaine e de outros, que transferem o conceito até o último instante e assim o levam disfarçadamente até o cansativo fim de suas fábulas.

Defuncti injuria ne officiantur era uma lei das doze tábuas e *De Pnortuis nil nisi bonum* é uma excelente injunção, mesmo que o morto em questão não passe de um defunto João-ninguém. Não é minha intenção, porém, vituperar meu falecido amigo Toby Dammit. Era um pobre-diabo que vivia como um cão, é verdade, e foi de uma morte de cão que morreu; mas não era digno de censura por causa de seus vícios.

Procederam duma deficiência natural da mãe dele. Ela fez o que pôde para castigá-lo, enquanto ainda pequeno, porque os deveres para sua, bem ordenada mente eram sempre prazeres, e as crianças, como as postas de carne dura ou as modernas oliveiras gregas, são as melhores de se bater. Porém, pobre mulher!, tinha a desgraça de ser canhota e uma criança surrada canhotamente o mais que podia ficar era canhotamente impune. O mundo gira da direita para a esquerda. Não se deverá, pois, açoiar uma criança da esquerda para a direita. Se cada golpe, na direção própria, lança fora uma má propensão, segue-se que cada pancada, numa direção oposta, soca para dentro sua parte de maldade. Estive muitas vezes presente aos castigos de Toby e, mesmo pelo modo com que era escoiceado, podia perceber que ele se estava tornando cada vez pior, dia a dia. Afinal vi, com lágrimas nos olhos, que não havia quase esperança alguma a respeito do velhaco, e um dia, quando fora ele surrado até ficar de cara tão preta que poderia ser tomado como um africaninho e nenhum efeito se produzira, a não ser o de fazê-lo retorcer-se até desmaiar, não pude mais conter-me e, caindo de joelhos imediatamente, ergui a voz para profetizar a sua ruína.

O fato é que a sua precocidade no vício era espantosa. Aos cinco meses de idade costumava enfurecer-se de tal sorte que ficava incapaz de gritar. Aos seis meses surpreendi-o mordendo um baralho de cartas. Aos sete meses tinha o hábito de agarrar e beijar os bebês fêmeas. Aos oito meses recusou-se peremptoriamente a pôr sua assinatura: num compromisso de Temperança. Assim continuou a crescer em iniquidade, mês após mês, até que, ao termo de seu primeiro ano, não somente teimou em usar bigodes, mas contraíra uma tendência a praguejar e blasfemar e a apoiar suas afirmativas por meio de apostas.

Foi em consequência desta última prática, nada cavalheiresca, que a ruína que eu havia predito a Toby Dammit alcançou-o afinal. O costume tinha "crescido com o seu crescimento e se fortificado com sua força", de modo que, quando se fez homem, dificilmente podia enunciar uma frase sem intercalá-la com uma proposta de jogo a dinheiro. Não que ele realmente fizesse apostas, não. Farei ao meu amigo a justiça de dizer que seria para ele mais fácil botar ovos. Com ele aquilo era uma simples fórmula, nada mais. Suas expressões neste particular não tinham significação alguma apropriada. 'Eram simples -se não mesmo inocentes expletivas —, frases imaginativas com que arredondar um período. Quando ele dizia: "Aposto com você isso e aquilo", ninguém jamais pensava em tomar a palavra ao pé da letra; contudo não podia eu deixar de pensar que era meu dever reprimi-lo. Aquele hábito era imoral e isso mesmo lhe disse. Era uma coisa muito vulgar, pedi-lhe eu que acreditasse. Era desaprovado pela sociedade... e aqui não disse senão a verdade. Era proibido por um decreto do Congresso... não tinha eu aqui a mínima intenção de dizer uma mentira. Admoestei-o... mas tudo em vão. Provei... mas inutilmente. Roguei... ele sorriu. Implorei... ele riu. Preguei... ele escarneceu.

Ameacei... ele descompôs. Bati-lhe... chamou a polícia. Quebrei-lhe o nariz... assoou-se e apostou sua cabeça com o diabo que eu não ousaria tentar de novo a experiência.

A pobreza era outro vício que a típica deficiência física da mãe de Dammit tinha imposto a seu filho. Ele era detestavelmente pobre, e essa era, sem dúvida, a razão de tomarem suas expressões expletivas de apostas, raramente, o aspecto pecuniário. Não tenho dificuldade em afirmar que jamais o ouvi empregar uma linguagem como esta: "Apostarei um dólar com você." Dizia habitualmente; "Apostarei o que você quiser", ou "Apostarei o que você tiver coragem", ou "Apostarei com você uma bagatela", ou mesmo, mais significativamente ainda, "Apostarei minha cabeça com o diabo".

Esta última fórmula parecia agradar-lhe mais, talvez porque envolvesse menos risco, pois Dammit se havia tornado excessivamente parcimonioso. Tivesse-o alguém pegado pela palavra, como sua cabeça era pequena, sua perda seria também pequena. Mas estas são reflexões minhas e não posso absolutamente garantir que esteja certo no atribuí-las a ele. Em todo o caso, a frase em questão aumentava diariamente de predileção, não obstante a grande impropriedade de apostar um homem seus miolos como se fossem notas de banco, mas este era um ponto que a perversidade de ânimo de meu amigo não lhe permitia compreender. Por fim, abandonou ele todas as outras formas de aposta e entregou-se inteiramente à "Apostarei minha cabeça com o diabo", com uma pertinácia e exclusividade de devoção que me desagradava não menos do que me surpreendia. Sempre me desagradam as circunstâncias com que não posso contar. Os mistérios obrigam a gente a pensar e dessa forma fazem mal à saúde. A verdade é que havia qualquer coisa no ar com que o Sr. Dammit costumava exprimir sua ofensiva frase, algo na sua maneira de enunciá-la que, a princípio, me interessou, mas depois me deixava muito mal à vontade; algo que, à falta dum termo mais preciso no momento, deve ser permitido chamar de esquisito --mas que o Sr. Coleridge teria chamado de místico, o Sr. Kant panteístico, o Sr. Carlyle evasivo e o Sr. Emerson hiperexcêntrico. Comecei por não gostar daquilo absolutamente. A alma do Sr. Dammit achava-se em perigosíssimo estado. Resolvi pôr em jogo toda a minha eloquência para salvá-la. Fiz votos de servi-lo, como S. Patrício, na crônica irlandesa, diz-se que servira o sapo, isto é, "despertou-o para o sentido de sua situação". Pus mão à tarefa imediatamente. Mais uma vez entreguei-me à admoestação. Depois coligi minhas energias para uma tentativa final de censura amigável.

Terminada minha preleção, o Sr. Dammit entregou-se a um procedimento um tanto equívoco. Por alguns instantes permaneceu em silêncio, olhando-me simplesmente, de modo indagador, para o rosto. Mas depois lançou a cabeça para um lado e elevou as sobrancelhas o mais que pôde. Em seguida espalmou as mãos e encolheu os ombros. Depois piscou o olho direito. Depois repetiu a operação com o esquerdo. Depois fechou bem os dois. Depois arregalou-os ambos, de tal maneira que comecei a ficar seriamente alarmado com as consequências. Depois, aplicando o polegar ao nariz, achou por bem fazer um indescritível movimento com o resto dos dedos. Finalmente, pondo as mãos nos quadris, condescendeu em responder. Posso lembrar-me apenas dos pontos principais do que ele disse. Ficar-me-ia agradecido se eu contivesse minha língua. Não queria saber de conselhos meus. Rejeitava todas as minhas insinuações.

Tinha bastante idade para cuidar de si mesmo. Pensava eu que ele era ainda o bebê

Dammit? Era intenção minha dizer qualquer coisa contra seu caráter? Pretendia insultá-lo? Era eu um maluco? Seria minha mãe conhecedora, em suma, de minha ausência do domicílio? Fazia-me esta última pergunta como a um homem de verdade, e se obrigaria a voltar para casa de acordo com a minha resposta. Mais uma vez perguntava, explicitamente, se minha mãe sabia que eu estava fora. Minha confusão -disse ele -me traía, e apostaria sua cabeça com o diabo que ela não sabia.

O Sr. Dammit não parou para que eu replicasse. Dando volta nos calcanhares, saiu de minha presença, com indigna precipitação. Foi bem que assim fizesse. Meus sentimentos tinham sido magoados. Até mesmo minha cólera havia despertado. Por uma vez sequer teria tomado a sério sua insultante aposta. Teria ganho para o arqui-inimigo a pequena cabeça do Sr. Dammit, pois minha mãe estava bem ciente de minha ausência, simplesmente temporária, de casa.

Mas *Khoda shefa midehed* — "o céu dá remédio" — como dizem os muçulmanos quando a gente lhes pisa nos pés. Fora no prosseguimento do meu dever que havia sido insultado e suportei o insulto como um homem. Parecia-me, agora, porém, que eu havia feito tudo quanto se podia exigir de mim no caso daquele miserável indivíduo e resolvi não mais incomodá-lo com meus conselhos, mas deixá-lo entregue a si mesmo e à sua consciência. Mas embora me abstinêsse de intrometer meus conselhos, não lograva desligar-me totalmente de sua companhia. Fui ao ponto de acomodar-me a algumas de suas menos repreensíveis tendências e vezes houve em que me achei elogiando seus perversos gracejos (como fazem os epicuristas com a mostarda, com lágrimas nos olhos), tão profundamente me afligia ouvir sua conversa depravada.

Um belo dia, tendo saído a passear juntos, de braços dados, nosso caminho nos levou à direção de um rio. Havia uma ponte e resolvemos atravessá-la. A ponte estava coberta, protegida contra as intempéries, e a passagem abobadada, com poucas janelas, era por isso incomodamente escura. Ao penetrarmos na passagem, o contraste entre o brilho exterior e a escuridão interna chocou-se pesadamente contra meu espírito. O mesmo não aconteceu ao infeliz Dammit, que se prestara a apostar com o diabo a cabeça, que eu havia desancado. Mostrava-se ele dum bom-humor incomum. Estava excessivamente animado, tanto que passei a considerar que havia um não sei quê de incômoda suspeita. Não era impossível que estivesse ele afetado por algo de transcendental. Não sou bastante versado, porém, no diagnóstico dessa doença, para falar com segurança a respeito do assunto. E infelizmente não se achava ali presente nenhum de meus amigos do Dial. Sugiro a ideia, não obstante, por causa de certas espécies de austera bufonaria que pareciam dominar meu pobre amigo, forçando-o a portar-se como um palhaço de si mesmo. Nada o satisfazia senão mover-se e saltar em redor, acima e abaixo de tudo quanto encontrava em seu caminho, ora gritando, ora ciciando toda casta de estranhas palavras, grandes e pequenas, conservando, no entanto, todo o tempo o rosto mais grave do mundo. Na realidade, não sabia se deveria dar-lhe pontapés ou ter piedade dele. Afinal, tendo quase atravessado a ponte, aproximávamos-nos do termo do caminho para pedestres, quando fomos barrados por um torniquete de certa altura. Passei por ele sossegadamente, fazendo-o girar como de costume. Mas essa volta não servia ao Sr. Dammit. Teimou em pular o torniquete e disse que poderia saltar por cima dele, de pés juntos

no ar.

Ora, isso, conscientemente falando, não achava eu que ele pudesse fazer. O melhor saltador de pés juntos, em todos os estilos, era meu amigo o Sr. Carlyle, e como eu sabia que ele não podia fazê-lo, não acreditava que Toby Dammit o fizesse. Por isso lhe disse, em breves palavras, que ele era um fanfarrão e não podia fazer o que dizia. Razão tive depois de me entristecer disso, porque ele imediatamente se ofereceu a apostar sua cabeça com o diabo como o faria.

Estava a ponto de replicar, não obstante minhas anteriores resoluções, com certa rispidez, contra sua impiedade, quando ouvi, bem perto de meu cotovelo, uma leve tosse que soou bem parecida com a pronúncia da interjeição "ei!". Dei um pulo e olhei em torno de mim com surpresa. Meu olhar caiu afinal sobre um canto da armação da ponte e sobre a figura de um velhinho coxo, de venerável aspecto. Nada poderia ser mais reverenda que toda a sua aparência, pois não somente usava um terno preto, mas sua camisa era irrepreensivelmente limpa e o colarinho caía-lhe bem polido sobre uma gravata branca. O cabelo tinha-o repartido ao meio, como o de uma moça. Suas mãos estavam entrelaçadas reflexivamente sobre o estômago e os olhos cuidadosamente erguidos para o alto.

Observando-o mais atentamente, notei que usava um avental de seda preta sobre os calções, coisa que achei bastante estranha. Antes, porém, que tivesse tempo de fazer qualquer reparo a respeito de tão singular circunstância, ele me interrompeu, com um segundo "ei!".

Eu não estava imediatamente preparado para replicar a essa segunda observação. O fato é que advertências de tão lacônica natureza são quase irrespondíveis. Sei de uma revista trimestral que foi emudecida com a palavra "Palavrório!". Não me envergonho de dizer, portanto, que me voltei para o Sr. Dammit a pedir auxílio.

— Dammit — falei —, que é que você fez? Não ouve o cavalheiro dizer "ei!"?

Olhei desabridamente para meu amigo, enquanto assim me dirigia a ele; porque, para falar verdade, eu me sentia particularmente perplexo, e quando um homem está particularmente perplexo deve franzir as sobrancelhas e parecer selvagem; de outro modo, pode estar perfeitamente certo de que parecerá um louco.

— Dammit! — continuei (isso soava, entretanto, mais como uma praga, coisa que estava mais longe do que tudo do meu pensamento).(2) Dammit — acrescentei —, este cavalheiro está dizendo "ei!".

Não tento defender minha observação com relação à sua profundidade; nem eu mesmo a considerei profunda; mas notei que o efeito de nossas palavras nem sempre é proporcional a sua importância a nossos próprios olhos. Se eu tivesse lançado ao Sr. Dammit, de modo completo, uma bomba de Paixhans (3), ou se lhe tivesse atirado à cabeça o Poetas e Poesia da América (4), ele mal poderia ter ficado mais desconcertado do que quando me dirigi a ele, com estas simples palavras: "Dammit! Que é que você faz? Não ouve o cavalheiro dizer "ei!"?"

— Que é que você diz? — arquejou ele, afinal, depois de mudar mais de cores do que o faria um pirata, uma depois da outra, quando perseguido por um navio de guerra. -Você tem absoluta certeza de que ele disse "isso"? Bem, afinal de contas eu estou metido nisso agora e muito bem podemos enfrentar o caso a frio. Lá vai, então... "ei!"

Aí o velho sujeitinho parecia satisfeito, só Deus sabe por quê. Deixou seu lugar no canto da ponte, coxeou para frente com gracioso ademane, pegou da mão de Dammit e sacudiu-a cordialmente, olhando-o todo o tempo, fixamente, no rosto, com o aspecto da mais inalterada benignidade que é possível ao espírito do homem imaginar.

— Estou completamente certo de que você ganhará, Dammit — disse ele, com o mais franco de todos os sorrisos —, mas somos obrigados a fazer uma experiência, você sabe, por simples formalidade.

— Ei! — replicou meu amigo, tirando o paletó, com profundo suspiro, amarrando um lenço em torno da cintura e produzindo uma indizível alteração no seu aspecto, com fazer-se zarolho e abaixar os cantos da boca. — Ei! e ei! — disse ele de novo, depois de uma pausa, e nenhuma outra palavra além de "ei!", ouvi-o eu dizer mais depois disso.

— Ah! — pensei eu, sem exprimir-me em voz alta. — Este silêncio é completamente extraordinário da parte de Toby Dammit, e não é mais do que consequência de sua verbosidade em ocasião anterior. Um extremo induz a outro. Ter-se-ia ele esquecido das numerosas perguntas irrespondíveis que me propôs tão fluentemente no dia em que lhe fiz a minha última preleção? Afinal de contas, está ele curado de seu transcendentalismo.

— Ei! — aqui replicou Toby, justamente como se tivesse estado lendo meus pensamentos e parecendo um velho carneiro a devanear. O velhote agarrou-o então pelo braço e levou-o mais para dentro da escuridão da ponte, poucos passos além do torniquete.

— Meu bom amigo — disse ele —, faço questão de lhe dar distância. Espere aqui, até que eu tome lugar junto ao torniquete, de modo que possa ver se você pula por cima dele, bela e transcendentalmente, e não omite nenhum dos floreios do pulo de pés-juntos.

Simples formalidade, como você sabe. Eu direi — um, dois, três e... "larga!". Preste atenção! Corra quando ouvir a palavra "larga!". Então tomou posição junto do torniquete, parou um instante como se estivesse em profunda reflexão, depois olhou para cima e, pensei eu, sorriu mui de leve; em seguida, agarrou os cordéis do avental, lançou depois um longo olhar para Dammit e, finalmente, pronunciou as palavras combinadas:

— One... two... three... e... away! (5) Pontualmente, ao ouvir a palavra "larga!", o meu pobre amigo lançou-se em impetuoso galope. O estilo do salto não foi muito alto como o do Sr. Lord, nem também muito baixo como o dos críticos do Sr. Lord; mas, no conjunto, posso assegurar que ele se sairia bem. E que sucederia se ele não o fizesse? Ah, essa era a questão! Que sucederia?

— Que direito — disse eu — tinha o velhote de obrigar qualquer outro cavalheiro a pular? Aquele velho manquitola! Quem era ele? Se me pedisse para pular, eu não o faria, está claro, e não me importava que diabo fosse ele.

A ponte, como eu disse, era abobadada e coberta de maneira muito ridícula, tendo sempre um eco muito incômodo, um eco que eu nunca antes observara tão particularmente como quando pronunciei as quatro últimas palavras de minha observação.

Mas o que eu disse, ou o que eu pensei, ou o que eu ouvi, ocupou apenas um instante. Em menos de cinco segundos, após sua partida, o meu pobre Toby tinha dado o pulo. Eu o vi correndo agilmente, alçando-se grandiosamente do soalho da ponte, traçando os mais espantosos floreios com as pernas, enquanto subia. Vi-o alto no ar, pulando admiravelmente,

de pés juntos, por cima do torniquete, e, sem dúvida, pensei que era uma coisa insolitamente singular que ele não continuasse o pulo. Mas o pulo inteiro fora questão de momento. E antes que tivesse tempo de fazer qualquer profunda reflexão, o Sr. Dammit recuou para baixo, completamente de costas, no mesmo lado do torniquete, de onde havia partido. No mesmo instante, vi o velhote coxeando, no auge da velocidade, apanhar e enrolar no seu avental algo que caiu pesadamente nele, da escuridão do arco, justamente por cima do torniquete. Fiquei bastante atônito, diante de tudo isso; mas não tive tempo de pensar, porque Dammit se conservava particularmente silencioso, concluindo eu que ele deveria estar muito magoado e necessitava de meu auxílio. Corri para o seu lado e descobri que ele havia recebido o que pode ser chamado de uma séria injúria. A verdade é que ele tinha sido privado de sua cabeça, a qual, depois de acurada procura, não pude encontrar em parte alguma. De modo que me decidi a levá-lo para casa e chamar os homeopatas.

Entrementes, um pensamento me abalou e eu escancarei uma janela da ponte, quando a triste verdade imediatamente cruzou-me o espírito. Cerca de metro e meio, justamente acima da extremidade do torniquete e cruzando o arco do passeio, como que formando um gancho, estendia-se uma lisa barra de ferro, colocada horizontalmente e que era de uma série de barras que serviam para reforçar a estrutura, em toda a sua extensão. Com a extremidade desse gancho é que pareceu evidente ter-se posto o pescoço de meu infeliz amigo precisamente em contacto.

Não sobreviveu ele muito tempo à sua terrível perda. Os homeopatas não lhe deram suficientes dosezinhas de remédio e o pouco que deram ele hesitou em tomar. De modo que, no fim, piorou e veio a morrer, dando assim uma lição a todos os viventes desregrados. Orvalhei-lhe o túmulo com minhas lágrimas, esculpi urna barra sinistra no escudo da família e, quanto às despesas gerais do enterro, enviei minha muito moderada conta aos transcendentalistas. Os velhacos recusaram-se a pagá-la, de modo que tive de desenterrar imediatamente o Sr. Dammit e vendê-lo para comida de cachorro.

Notas

(1) Publicado pela primeira vez no *Graham's Lady's and Gendeman's Magazine*, setembro de 1841. Título original: *Never bet your head. A moral tale.*

(2) Trocadilho com a expressão *damn it*, "dane-se" ou "vá para o inferno" (N. T.)

(3) General francês, inventor de vários engenhos bélicos. (N. T.)

(4) Antologia de autoria de Rufus Wilmot Griswold, pastor protestante que se desaveio, certa vez, com Edgar A. Poe. (N. T.)

(5) Um... dois... três... e... larga! (N. T.)

(6) Poeta contemporâneo de Poe, de escassa notoriedade. (N. T.)

